

## PONTOS DE PARTIDA PARA A DISCUSSÃO SOBRE A APRENDIZAGEM NO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DA UFAL

Márcio Jorge Porangaba Costa<sup>1</sup>

*“O fato é que um dos componentes importantes do êxito de uma atividade não é o que gente sabe, mas sim a capacidade de aprender. A capacidade de buscar informações e aprender é o que faz a diferença”. Amir Klint, navegador e escritor brasileiro*

O sucesso em um curso universitário, a exemplo do que ocorre em outros cursos, é resultante da interação entre conhecimento, habilidades e atitudes. O conhecimento é, em geral, ensinado, mas para que tenhamos atitudes precisamos de habilidades, que são os agentes transformadores e que, em grande parte, não podem ser ensinadas, precisam ser aprendidas. Razão pela qual a capacidade de aprender se constitui em fator decisivo para o desempenho acadêmico satisfatório.

Nesta perspectiva, algumas questões se impõem. Quais são as funções da Universidade? O que caracteriza o ofício de estudante? Como delinear o processo de aprendizagem? Os estudantes, sobretudo os recém ingressos, desconhecem, em sua totalidade, as respostas, o que tende a comprometer o seu desempenho acadêmico.

Este artigo se propõe a apresentar, em seus aspectos gerais, o significado e o processo de aprendizagem. Não se trata de um roteiro de autoajuda, mas de orientação acadêmica que apresenta, a nível introdutório, um tema relevante ao estudante universitário: a busca de alternativas com relação ao método de estudo a adotar. Cabe a ele realizar leituras complementares com vistas ao aprofundamento das ideias aqui apresentadas na perspectiva de incorporá-las as suas atividades diárias.

### 1. Funções da Universidade

---

<sup>1</sup> Professor Associado da FEAC/UFAL

A Universidade, conforme ressalta Nérici (1993, p. 40) se constitui no “local de abrigo de *ideias, teorias ou concepções* para serem estudadas, discutidas, pesquisadas e meditadas em prol do crescimento da *criatura humana, da cultura e da sociedade*”, o que pressupõe sobretudo a busca da verdade.

Como se pode observar, a própria palavra *universidade* revela seu sentido: universal, universalidade, totalidade, o mundo todo, ou seja, a Universidade é um universo de conhecimento e de pessoas. Trata-se, em outros termos, do espaço da universalidade das ideias e da diversidade do pensamento, daí porque “deve ser um espaço democrático, aberto a todos, de acolhimento de pensamentos e de pessoas” (ZANELLA, 2009, p. 18).

A Universidade se apoia sobre três pilares fundamentais: *ensino, pesquisa e extensão*. Razão pela qual estudar em uma universidade significa estudar em uma instituição que desenvolve estas três atividades interligadas<sup>2</sup>.

Ao ensinar<sup>3</sup>, seja em cursos de *graduação*<sup>4</sup> ou *pós-graduação*<sup>5</sup>, por meio da ação de seu *corpo docente*, a Universidade se propõe a incentivar “a reflexão sobre a construção do conhecimento e desenvolver habilidades do saber” (ZANELLA *op. cit.*, p.17).

---

<sup>2</sup> “Através da **pesquisa** as universidades criam o saber, respondem as necessidades do ensino; realimenta o ensino através da produção do conhecimento. Através do **ensino**: o saber se organiza e se difunde; o saber produzido pela humanidade é transmitido e socializado; o saber possibilitado pela pesquisa e pela extensão é validado e atualizado. Por intermédio da **extensão**: o saber se aplica em benefício da comunidade; o ensino e a pesquisa são articulados e realimentados” (MOURA 2009, p. 28-29).

<sup>3</sup> O Ensino Universitário é organizado de forma **administrativa e acadêmica** e quanto à formação. “No que se refere à **Organização Administrativa**, as Instituições se classificam quanto a **natureza jurídica de suas mantenedoras** em **Pública** (criadas por Projeto de Lei de iniciativa do Poder Executivo) e **Privada** (criadas por credenciamento junto ao Ministério da Educação). Em relação à **Organização Acadêmica**, caracteriza-se as **Instituições de Ensino** quanto a sua competência e responsabilidade e que são estruturadas em **Instituições Universitárias** (Universidades, Universidades Especializadas e Centros Universitários) e **Instituições não Universitárias** (CEFETs e CETs, Faculdades Integradas, Faculdades Isoladas e Institutos Superiores de Educação). Em relação à **Organização da Formação**, o Ensino Superior abrange desde cursos de **Graduação** ou **Sequenciais** a cursos de **Pós-Graduação**” (MOURA, 2009, p. 28-29).

<sup>4</sup> “**Cursos de Graduação** são cursos que preparam para uma carreira acadêmica ou profissional podendo estar ou não vinculado a conselhos específicos. São os mais tradicionais e conferem diploma com o grau de **Bacharel** (Ex: Licenciado em Física), **Tecnólogo** (Ex: Tecnólogo em Hotelaria) ou **título específico** referente à profissão (Ex: Médico)”. MOURA *op. cit.*, p.31.

<sup>5</sup> “**Pós-graduação**: Nível de ensino que ocorre após a graduação regular. No Brasil, há dois tipos de *pós-graduação*: a *lato sensu* e a *stricto sensu*. A primeira refere-se aos chamados cursos de especialização, com cunho profissionalizante, voltados para o mercado de trabalho, e com duração mínima de 360 horas-aulas. A segunda refere-se aos programas de *mestrado* e *doutorado* e que visam basicamente à formação de professores universitários e cientistas” (APPOLINÁRIO 2004, p. 158).

Ao desenvolver a pesquisa – *básica*<sup>6</sup> ou *aplicada*<sup>7</sup> – “ponto básico de apoio e sustentação de suas duas atividades, o *ensino* e a *extensão*” (SEVERINO, 2007, p. 23) -, a Universidade busca produzir conhecimento novo, ser espaço de criação e de inovação.

Com relação à *extensão*, a Universidade estende “sua ação à comunidade, visando a prestação de serviços, de divulgação de dados de atualização, de acompanhamento, de previsão, entre outros” (NÉRICI, *op. cit.*, p. 44).

Além do mais, a Universidade busca realizar sua função social, propiciando a seus alunos formação profissional, científica e política. A *formação técnico-científica* se dá ao longo dos cursos, não só por meio das disciplinas que os compõem, como também de atividades acadêmicas, em geral. A *formação ético-humanística e político-social* se realiza de maneira transversal no contexto do dia a dia da vida acadêmica.

Ingressar, portanto, na Universidade implica sobretudo adquirir novas posturas e responsabilidades. A primeira delas é adquirir a consciência de que o resultado do processo formativo depende, em sua totalidade, do aluno. Assim sendo, cabe a ele “a responsabilidade de estudar, de ser *sujeito* de sua formação, por meio da indagação, do debate e da proposta de soluções; e à instituição, a de ensinar; a de lhe propiciar as condições para que ele possa estudar e aprender” (ZANELLA 2009, p. 19).

## 2. O ofício do estudante

A primeira tarefa que um estudante deve realizar quando chega à Universidade é aprender o ofício de estudante. O que significa dizer, em outros termos, que necessário se faz aprender a se tornar um deles para não ser eliminado ou auto se eliminar, caso insista em continuar como estrangeiro nesse mundo.

---

<sup>6</sup> “**Pesquisa básica:** Pesquisa cujo objetivo principal é o avanço do *conhecimento científico*, sem nenhuma preocupação *a priori* com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos” (APPOLINÁRIO *op. cit.*, p. 152)

<sup>7</sup> “**Pesquisa aplicada:** Pesquisa realizada com o objetivo de resolver *problemas* ou necessidades concretas e imediatas. Nessa modalidade de pesquisa, os *problemas* costumam ser definidos não pelo pesquisador, mas sim pela instituição ou financiador público ou privado que custeia a pesquisa” (APPOLINÁRIO *op. cit.*, p. 152)

O ingresso na vida universitária requer a passagem do estatuto de aluno de segundo grau ao de estudante de nível superior que se caracteriza, de acordo com o anexo 1 por três tempos: (1) o tempo do estranhamento, ao longo do qual o estudante entra em um universo desconhecido; (2) o tempo da aprendizagem quando se adapta gradativamente e uma acomodação se produz e (3) o tempo da afiliação que é o manejo relativo das regras identificadas sobretudo pela capacidade de interpretá-las ou transgredi-las.

Para muitos estudantes, no entanto, esta passagem é acompanhada por outras mudanças que tendem a gerar ansiedade e comportamentos que favorecem o fracasso. Entre estas mudanças destacam-se as modificações importantes nas relações que o estudante passa a ter com o tempo, com o espaço, com as regras e com o saber. Afinal de contas, uma ruptura psicológica está em curso, ou seja, uma nova identidade está por ser construída pelo estudante recém-ingresso. O que significa que uma nova relação com o saber precisa, não só, ser elaborada, mas elaborada urgentemente.

Assim sendo, o estudante que desejar primar pela responsabilidade e comprometimento no curso de Ciências Econômicas, a exemplo dos cursos universitários, em geral, precisa adotar métodos e técnicas de estudo eficientes na perspectiva de aprender a aprender. O estudante só é, de fato, considerado estudante universitário quando “se dispõe a formar conceitos, frutos da reflexão, sobre os fatos que o impressionam, procurando orientar-se por princípios científicos, sociais e éticos” (NÉRICI, *op. cit.*, 51). O que pressupõe que ele exerça a contento o seu ofício – o ofício de estudante – que consiste em ler, pensar e escrever. Trata-se, em outros termos, da necessidade de alfabetizar-se academicamente<sup>8</sup>.

É plausível, então, supor que este estudante tenha as seguintes características: (1) amadurecimento socioemocional; (2) preocupação em conquistar uma profissão por meio da qual possa realizar-se pessoal e socialmente e não apenas obter um título; espírito crítico; (4) maiores vislumbres de participação na vida social e no futuro da própria vida; (5) preocupações econômicas e político-sociais; (6) desejo de realização; (7) melhor compreensão

---

<sup>8</sup> “O conceito de alfabetização acadêmica assinala o conjunto de noções necessárias para participar da cultura discursiva das disciplinas, assim como nas atividades de produção e análise de textos requeridas para aprender na universidade” (CARLINO 2017, p. 17)

científica dos fatos e fenômenos e (8) necessidade de orientação efetiva por parte de seus professores.

Especificamente, em se tratando de universitários brasileiros, eles se classificam em dois grupos, conforme evidencia o anexo 2 deste artigo. O primeiro grupo congrega estudantes ajustados aos seus cursos e que almejam uma formação profissional de qualidade. O segundo grupo congrega aqueles com capacidade, mas sem interesse universitário, bem como os “perdidos” nos cursos que escolheram. Este grupo reúne a maioria dos estudantes, o que é por demais lamentável.

Convém lembrar que bons alunos, na maioria das vezes, são bons profissionais. Na verdade, “alunos brilhantes existem, mas o super aluno é apenas mais um mito. Contrapor-se à imagem idealizada do estudante perfeito vai praticamente resultar num modelo pobre de estudar” (BARNES, 1995, p. 17). Entender, portanto, o significado da aprendizagem ajudará o estudante no caminho das pedras, ou seja, a buscar alternativas com vistas a um melhor desempenho acadêmico em seu curso.

### 3. O significado da aprendizagem

Sabemos que ninguém pode aprender por outro, mas se o aluno não aprender, torna-se inútil todo o esforço feito para ensiná-lo. Entretanto, na prática, uma pequena parcela do que é ensinado, é efetivamente aprendida, ou seja, o esforço docente, em sua totalidade, não é correspondido, em termos de aproveitamento. Por que será que isso ocorre?

As opiniões a este respeito são divergentes. Para o *professor*, é porque, entre outros fatores, os alunos estão despreparados para a atividade acadêmica. Para os *alunos*, no entanto, a principal causa está no professor que não ensina de maneira adequada, é prolixo, não consegue transmitir de maneira satisfatória e os textos por ele adotados são de difícil compreensão. Entretanto, o cerne da questão está no fato de que o processo de ensino consiste no manejo desses fatores, ou seja, trata-se de um processo que consiste em planejar, orientar e avaliar de maneira sistemática a aprendizagem do aluno (BORDENAVE; PEREIRA, *op. cit.*, p. 40-41).

Como se pode observar, ambos os processos – o de ensinar e o de aprender – são interligados, mas ao se falar de ensino são evidenciados

conceitos como instrução, orientação, comunicação e transmissão de conhecimentos, que indicam o professor como elemento principal do processo ensino/aprendizagem. A ele compete, entre outras habilidades, o domínio do conteúdo a ser transmitido e o uso de metodologias que permitam que este conteúdo seja melhor transmitido com o fim último de levar o aluno a aprender sobre o tema, criando, refletindo, avançando. Ao se falar, porém, de aprendizagem, evidenciam-se conceitos como descoberta, modificação de comportamento e aquisição de conhecimentos que se refletem diretamente no aluno.

Acontece que muitos professores, no entanto, enfatizam o ato de ensinar. Acreditam que o professor ensinou, o aluno aprendeu. Eles utilizam largamente de aulas expositivas e suas preocupações básicas são do tipo: "Que programa devo seguir"? "Que critérios deverei utilizar para aprovar ou reprovar os alunos"?

Outros professores se preocupam com a educação para mudança social, ou seja, enfatizam a aprendizagem uma vez que educar não consiste introduzir ideias na cabeça das pessoas, mas fazer brotar ideias<sup>9</sup>. Suas dúvidas passam a ser do tipo: "Quais as expectativas dos alunos"? "Em que determinado aprendizado será significativo para os alunos"? "Que estratégias serão mais adequadas para facilitar o aprendizado do aluno"?

Existem também professores cuja ênfase não é centrada nem no ensino nem na aprendizagem, mas na interação dos dois processos<sup>10</sup>. Para eles, os professores não devem ser simples e inertes transmissores de informações, do mesmo modo que os alunos não podem ser simples receptáculos de informações no processo de aprendizagem. Pelo contrário, professores e alunos devem enriquecer esta experiência coletiva acrescentando suas próprias interpretações e vivências sobre o assunto. Assim sendo, não haverá a simples transferência de um conhecimento, mas uma colaboração efetiva e se estará

---

<sup>9</sup> O método de ensino/aprendizagem que visa apenas transmitir/adquirir conhecimento foi denominado por Paulo Freire como "ensino bancário", onde o conhecimento de quem sabe é depositado na "cabeça" de quem não sabe (*apud* CASTRO, 1986, p.40). Este método se caracteriza pelos seguintes aspectos: (1) a prática de escrever transforma-se em prática de copiar; (2) a prática de pensar – raciocinar – refletir transforma-se em prática de memorizar, decorar. Consequência: ao invés de pensarem, os estudantes decoram, o que é inadmissível em todos os aspectos, sobretudo em se tratando de estudantes universitários (*Id.,ib.*)

<sup>10</sup> Este parágrafo se baseia em MOURA (2009)

criando condições para a produção do conhecimento que realmente se deseja aprender.

A aprendizagem adequada, no entanto, ou “a aprendizagem propriamente dita” no dizer do professor Guy Claxton do King’s College London, “é uma habilidade sofisticada e um treinador competente precisa entender o que deve ser feito para construir um aprendiz poderoso”. Esta habilidade<sup>11</sup> consiste em “uma forma de embalar toda uma variedade de hábitos mentais, crenças e atitudes que contribuem para o sentido geral de ser otimista e desenvolto ao enfrentar o que difícil ou estranho” (CLAXTON, 2019, p. 83).

Isto posto, ou seja, caracterizada a aprendizagem, em seus aspectos gerais, vejamos algumas situações vivenciadas por estudantes do Curso de Ciências Econômicas<sup>12</sup>

**SITUAÇÃO 1.** O aluno Marcos, como parte da disciplina ECONOMIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA deve aprender as características da atual política econômica adotada no país. Além de assistir às aulas, Marcos leu capítulos de livros e artigos técnicos publicados em revistas e *sites* especializados. Participou dos debates, em classe, com os colegas. Fez avaliações da disciplina e saiu-se bem. Assistiu a um debate sobre conjuntura nacional, promovido pelo Conselho Regional de Economia, bem como o pronunciamento do Ministro da Economia, em cadeia de rádio e televisão. Tomou conhecimento de mudanças introduzidas na política econômica, face ao aumento da inflação. Ela tenta escrever um pequeno artigo sobre tais mudanças a ser publicado no jornal editado pelo Diretório Acadêmico. O artigo recebe críticas de colegas e professores. Tenta escrever um segundo artigo, procurando evitar os erros do anterior. O professor da disciplina indica seus erros, sugerindo novas leituras. Marcos tenta diversas vezes, até redigir um artigo que é publicado no principal jornal de sua cidade e torna-se um assíduo colaborador do mesmo.

---

<sup>11</sup> Os elementos do Poder de Aprendizagem que caracterizam esta habilidade, analisados por Claxton (2019, p. 26-50) são os seguintes: curiosidade, atenção, determinação, imaginação, pensamento, socialização, reflexão e organização.

<sup>12</sup> As situações apresentadas são adaptações de Bordenave & Pereira (2000, p. 23-24).

**SITUAÇÃO 2.** Gabriela, aluna brilhante do curso, tem se questionado sobre a importância das inter-relações ligando os fenômenos econômicos ao todo social em que se inserem. Certa vez, observou em um supermercado pessoas de diferentes classes sociais fazendo compras. Um dia, ela foi convidada para falar sobre custo de vida na Igreja que frequenta. Ela se propôs a preparar sua palestra com base no que viu no supermercado associado ao referencial teórico que estava aprendendo no curso. Depois de inúmeras tentativas, Gabriela conseguiu organizar suas reflexões de maneira satisfatória. Sua palestra foi um sucesso!

**SITUAÇÃO 3.** O aluno Miguel está concentrado em aprender um assunto altamente técnico de ECONOMETRIA: consulta o texto adotado pelo professor da disciplina, revê as notas de aula, faz os exercícios propostos e sintetiza as suas ideias, discute com colegas para tirar dúvidas. Finalmente, ele se dá por satisfeito. Acha que entendeu o assunto e acredita que poderá retê-lo na memória.

**SITUAÇÃO 4.** O aluno Pedro sempre foi fascinado pelo economês muito antes inclusive de ingressar na Universidade. Não perdia um noticiário que abordasse assuntos econômicos e visitava sempre *sites* relacionados aos mesmos. Há quem afirme que ele ensinou ao seu papagaio alguns termos técnicos e, por pouco não teve atrito com a vizinha (Ela achava que o papagaio estava ofendendo com palavrões a sua mãe). Entretanto, como aluno recém ingresso no curso de Ciências Econômicas, ele se sentiu perdido: não conseguia entender nada do que os professores falavam. Era um sofrimento terrível. Parecia até que estava em outro país cuja língua era diferente da que ele falava. Anotava as palavras que não entendia e depois consultava os colegas. Mais tarde tentava utilizar os novos termos no seu dia a dia, até mesmo quando estava namorando, para desespero de sua namorada. Muitas vezes, o uso inoportuno de termos técnicos provocava risadas dos seus colegas. Mas Pedro percebeu que a cada dia aprendia o emprego correto de conceitos econômicos sem cair no ridículo. O que lhe estimulava a se esforçar ainda mais para dominar adequadamente o vocabulário técnico sem ser pedante. Dizem que o seu papagaio começou, a

partir daí, a aprender palavras e, a vizinha já prometeu matá-lo tão logo tenha oportunidade.

**SITUAÇÃO 5.** Como parte de uma avaliação da disciplina DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO, a aluna Elisabete recebeu a tarefa de comparar duas teorias que explicam o desenvolvimento econômico. Leu sobre as mesmas nos livros adotados na disciplina. Fez resumos de ambas. Ela precisava tirar uma boa nota para ser aprovada. Procurou estabelecer semelhanças e diferenças entre as duas teorias, a partir da leitura de outros textos. Finalmente, ela acha que está capacitada a entender as duas teorias.

Estas situações evidenciam o quanto a aprendizagem se constitui em um processo integrado no qual toda a pessoa se mobiliza de maneira orgânica e fica melhor preparada para novas aprendizagens. Este processo apresenta, as seguintes características (BORDENAVE; PEREIRA, 2000, p.24-25): (1) O aprendiz se depara com uma necessidade e um objetivo; (2) Ele se prepara; (3) Realiza tentativas de ação; (4) Identifica o sucesso ou fracasso de sua ação; (5) Verifica que os objetivos da aprendizagem são distintos; (6) Ele constata que toda aprendizagem se baseia em aprendizagens anteriores; (7) Verifica também que no decorrer da aprendizagem ocorrem sentimentos diversos e (8) Ele conclui enfim que quando se aprende algo, na realidade, aprende-se várias coisas significativas.

Além do mais, no processo de aprendizagem o estudante começa a pensar por si próprio. O que faz com ele se liberte de maneira gradativa de opiniões vulgares e de posicionamentos inverídicos, elaborando seus próprios conceitos a partir da sua reflexão. Um lembrete se faz necessário: "Estudar seriamente faz com que alguém se torne uma pessoa ponderada, aberta, respeitosa frente a outras opiniões e expressões" (MATOS 1996, p. 14).

Assim sendo, necessário se faz que o método de aprendizagem que visa somente transmitir/adquirir conhecimentos seja substituído por um outro. Este novo método deve ser interativo, ou seja, deve considerar que as ideias não são fixas, nem isoladas, mas se transformam e se correlacionam entre si.

O estudante, ao adotá-lo, adquire maior segurança na sua aprendizagem. A compreensão do assunto estudado passa a ser ampliada. Há uma constante preocupação com significados e questionamentos específicos de sua

capacidade de comparar/contrastar ideias ou fatos. Em decorrência, ao invés de apenas decorar e armazenar informações, ele passa não só a questioná-las como também a processá-las de maneira adequada. Na verdade, ele deixa de aceitar aquilo que concorda e passa a considerar áreas de conflito, tendo em vista que novas ideias mantêm o interesse em continuar o seu processo de aprendizagem.

Como se pode observar, trata-se de um modo de aprender ativo, dinâmico, em que o estudante constrói passo a passo, o seu processo de aprendizagem, tendo sempre a necessidade e a vontade de se tornar cada vez mais competente. Vale ressaltar que este modo de aprender é compatível com as recomendações do Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (DELORS, 1999).

A forma de aprender, no entanto, não é a mesma para todos os indivíduos e somente cada um é capaz de controlá-la<sup>13</sup>. “O estudante tem de se convencer de que sua aprendizagem é tarefa pessoal, tem de se transformar num estudioso que encontra no ensino escolar não um ponto de chegada, mas um limiar a partir da qual constitui toda uma atividade de estudo e de pesquisa, que lhe proporciona instrumentos de trabalho criativo em sua área” (SEVERINO 2000, p. 310). Estudar, pois, se constitui na procura da verdade e que se constitui em uma tarefa árdua, mas compensadora: “Exige, de quem a ele se dispõe, uma posição crítica, sistemática, uma disciplina intelectual que só ganha a não ser praticando-a” (*id., ib.*).

Depreende-se, então, face ao exposto que o sucesso na universidade passa pelo conhecimento do ofício do estudante, acompanhado por um processo de afiliação, ao mesmo tempo institucional e intelectual, o que pressupõe a necessidade de alfabetização acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica**. Um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2004.

---

<sup>13</sup> Ver a respeito de como estudar: CASTRO (2015), CARLINDO (2017).

BARNES, Rob. **Seja um ótimo aluno.** Guia prático para estudantes universitário e eficiente. Campinas: Papyrus, 1995.

BORDENAVE, Juan Diaz; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino/aprendizagem.** 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASTRO, Cláudio de Moura. **Você sabe estudar?** Quem sabe, estuda menos e aprende mais. Porto Alegre: Penso, 2015.

CASTRO, Nivalde José de. Considerações sobre a metodologia do ensino de economia. **Caderno de Orientação Acadêmica** n. 1. Rio de Janeiro: ANGE, 1986, p.37-52.

CARLINDO, Paula. **Escrever, ler e aprender na universidade.** Uma introdução à alfabetização acadêmica. Petrópolis: Vozes, 2017.

COULON, Alain. **A condição do estudante.** A entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

CLAXTON, Guy. **Ensinando os alunos a se ensinarem.** O método do Poder da Aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 2019

DaAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender.** Andragogia e as habilidades de aprendizagem de aprendizagem. São Paulo: Pearson, 2007.

DELORS, Jacques (Org.) **Educação.** Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 3ª ed. São Paulo: Cortez; UNESCO; MEC, 1999.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Aprenda a estudar.** Orientações metodológicas para o estudo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOURA, Tania Maria de Melo. **Metodologia do ensino superior.** Saberes e fazeres da/para a prática docente. 2ª ed. Maceió: EDUFAL, 2009.

NÉRICI, Imídeo G. **Didática de ensino superior.** São Paulo: IBRASA, 1993.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ZANELLA, Liane Crly Hermes. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração.** Florianópolis: UFSC; capes/UAB, 2009.

## ANEXO 1

### ETAPAS DA PASSAGEM DO ESTATUTO DE ALUNO DE SEGUNDO GRAU AO DE ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Etapas	Características
Etapa 1 – Tempo de estranhamento	<ul style="list-style-type: none"><li>• Primeiro contato com a Instituição/Dimensões Imaginárias: "Agora posso dizer que sou estudante universitário".</li><li>• Impressão de que a universidade é um espaço de grande liberdade, mas se os estudantes não tomam cuidado, esta liberdade age contra seu processo de afiliação.</li><li>• Rupturas com o tempo: (1) o volume semanal de horas é muito maior que no segundo grau; (2) o ano acadêmico não é contínuo, é recordado por dois semestres letivos; (3) o ritmo de trabalho é diferente do segundo grau e (4) as avaliações não acontecem, em geral, nos mesmos momentos.</li><li>• Rupturas com o espaço: (1) instalações da Universidade são bem maiores que as do colégio onde os estudantes cursaram o segundo grau, sendo que algumas estão localizadas fora do <i>campus</i> e (2) nem todas as disciplinas são ministradas nas mesmas salas no decorrer do semestre letivo.</li><li>• Rupturas com relação às regras: as regras na Universidade são, em geral, articuladas umas às outras de modo que o desconhecimento de</li></ul>

	<p>uma delas provoca a ignorância de todo o conjunto que lhe são relacionadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rupturas com relação ao saber: (1) amplitude dos campos intelectuais abordados; (2) maior necessidade de síntese e (3) relações que o ensino universitário estabelece entre esses saberes e a atividade profissional futura.</li> <li>• Agravantes: (1) trabalhador em tempo parcial; (2) falta de motivação; (3) não saber administrar o tempo e (4) não ter uma vida estudantil.</li> </ul>
<p>Etapa 2 - Tempo de Aprendizagem</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudantes rompem com seu passado recente, mas ainda não tem futuro, ou seja, de debutantes eles se tornam aprendizes: "Como aprender tanto coisa em pouco tempo"?</li> <li>• Expectativa de se tornar membro competente da comunidade universitária e ser reconhecido como tal.</li> <li>• Estudante profissional é o que quer aprender a se tornar autônomo, isto é, toma conta de sua formação. O inverso é fazer apenas o solicitado, nada mais.</li> <li>• Não considerar o <i>status</i> do estudante leva ao fracasso.</li> <li>• Coordenação do Curso: passa a ser um oráculo pelos estudantes. Eles vão consultá-la desde que precisem de interpretação das regras e/ou aquisição de documentos.</li> <li>• Construção de uma perspectiva necessita do presente e do passado para poder projetá-la para o futuro.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desejo de abandonar o curso ocorre quando vínculos ainda frágeis são desfeitos.</li> <li>• Problemas psicológicos: (1) resistência em aceitar a nova situação; (2) perda de contato com os amigos ou colegas do segundo grau; (3) medo de sanções como no colégio; (4) anonimato como marca das novas relações e (5) necessidade de se criar outra rede de relações e isso não se faz em um dia.</li> </ul>
Etapa 3 -- Tempo de Afiliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O estudante começa a se familiarizar com o novo ambiente, mesmo que sinta necessidade de estar vigilante.</li> <li>• O estudante passa a entender melhor: (1) os objetivos e compromissos da Universidade, (2) o Projeto Pedagógico do seu curso e (3) as recomendações gerais da instituição.</li> </ul>

Fonte: Elaborado com base em Coulon (2008)

## ANEXO 2

### CARACTERIZAÇÃO DO COMPORTAMENTO DO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

Tipo de estudante	Comportamento
COLEGIAL	Mantém a mentalidade de estudante de segundo grau. É bem organizado, quer saber mais os pontos que entram na prova e toma nota de tudo o que professor diz em classe.
CRENTE	Está disposto a aceitar como verdade absoluta tudo o que os professores dizem e a atender as suas solicitações, sem criticá-las, além de defender a sua faculdade ou o seu curso de maneira veemente.
FANTASIADO	Vive cheio de adesivos de sua faculdade ou de seu curso.
ENCANTADO	Encontra-se sempre encantado com o fato de estar matriculado em um curso universitário.
DOUTOR OU GÊNIO	Estudante que lê muito e que tem certa vivência do curso em que está matriculado. Tudo o que é discutido em classe ele já "sabe". É, muitas vezes, estudante capaz, mas muito preocupado em aparecer.
DOGMÁTICO E POLÊMICO	É o estudante, quase sempre filiado a uma ideologia ou religião que, para ele, sem sombra de dúvida, será a salvação do mundo, razão pela qual procura discutir tudo à luz dessa interpretação. Revela-se, em geral, intolerante quanto a outros pontos de vista. Para muitos destes estudantes, a faculdade se restringe a uma tribuna para divulgar suas ideias.
QUER DIPLOMAR-SE	Demonstra pouco interesse pelos estudos, quer apenas concluir o curso o mais rápido possível para ter direito ao diploma.

INDIFERENTE	Não participa de nada, estando tão só de corpo presente na Universidade, aceita tudo e se propõe a fazer tudo com o mínimo esforço.
DIPLOMATA	É o estudante sempre preocupado em tornar a vida acadêmica mais amena, é uma espécie de quebra galhos ou de intermediário entre colegas e professores.
PROFISSIONAL	Quase sempre portador de mensagens ideológicas-políticas para os colegas, procurando arregimentá-los em movimentos de protesto ou apoio, segundo ordens que tenha recebido das cúpulas que o utilizam. É frequentemente estudante que repete várias vezes cada semestre letivo. Está sempre disposto a criticar, apontar falhas, que só seriam sanadas se fosse adotada nova estrutura social
POLÍTICO	Este poderá parecer repetição de tipo anterior, mas não é. Enquanto o anterior, bem ou mal, trabalha por uma causa sociopolítica, este trabalha para si.
"ESTUDANTE A FORÇA"	Quase sempre pertencente a famílias abastadas, ou a famílias de renda média, que querem que o filho seja alguém na vida. Mas o estudante mesmo, não quer nada, a não ser descobrir quem inventou o estudo e o trabalho.
ESFORÇADO	É, em geral, tímido, dominado pelo complexo de inferioridade, pelo que procura impor-se pela dedicação aos estudos
INTERESSEIRO OPORTUNISTA	E Faz tudo em função de suas conveniências, não existindo para ele, coleguismo ou trabalho de cooperação com os seus colegas, se um mínimo de seus interesses for prejudicado ou vice-versa.
BAJULADOR	É o que sempre está incensando professores e colegas influentes para no fundo obter vantagens pessoais.

EXIBICIONISTA	É o que vive em constante preocupação de evidenciar as qualidades, suas amizades e a sua influência com o objetivo de proteger a sua pessoa
ESPERANÇOSO	É o que tem fé na Universidade e que procura a mesma para ser orientado na perspectiva de tornar-se um cidadão competente, consciente e responsável a fim de tornar-se útil a si e a sociedade.

Fonte: Elaborado com base em Nérici (1993, p.59-62)